



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS HERÓIS DO JENIPAPO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**



DENICE BARBOSA SILVA

**DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM PAUTA: A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA
NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPO MAIOR-PI
2025**

DENICE BARBOSA SILVA

DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM PAUTA: A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Gabriela Nunes Fernandes

CAMPO MAIOR-PI
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

S586d Silva, Denice Barbosa.

Desenvolvimento infantil em pauta: a construção da autonomia na prática pedagógica na educação infantil / Denice Barbosa Silva. - 2024.
55 f.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, campus Heróis do Jenipapo,
Campo Maior-PI, 2025.

"Orientadora: Profa. Dra. Ana Gabriela Nunes Fernandes."

1. Educação infantil. 2. Prática Pedagógica. 3. Desenvolvimento Infantil.
I. Título.

CDD: 370.71

DENICE BARBOSA SILVA

DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM PAUTA: A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Gabriela Nunes Fernandes

Monografia defendida em: 15/01/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Ana Gabriela Nunes Fernandes
(Orientadora)

Profa. Ma. Samara Borges da Silva
(Examinadora)

Profa. Esp. Rafaële Amorim Costa Ibiapina
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais, Maria
Helena — Mãe, Ananias — Pai.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por Sua infinita bondade em me guiar nessa jornada. Caminhar com Sua permissão a cada passo, sabendo que Ele está por trás, me fortalecendo e abençoando, torna tudo possível. Se esta pesquisa é a realização de um sonho, não seria possível sem Ele.

Agradeço a minha resiliência. Apesar de todos os impasses encontrados ao longo da graduação, consegui chegar até aqui, escolhido ao acaso, mas que me mostrou que, quando se quer, é possível realizar feitos com desenvoltura e aproveitamento. Conjuntamente, passei a apreciar tudo o que ela envolve, pois a proximidade gera afeição, o que significa que o contato constante com o aprendizado despertou em mim um verdadeiro interesse e paixão pela área.

Ao meu pai, Ananias, que sempre me deu o exemplo de ser uma pessoa determinada e corajosa, e à minha mãe, Helena, que me faz sentir capaz e me mostra que meus sonhos são maiores que os meus medos. Aos dois, que, infelizmente, não tiveram a oportunidade de ingressar no ensino superior, amo-os por diversos motivos, mas principalmente pelo apoio incondicional e por se fazerem sempre presentes. Desejo que eu possa retribuir ao menos metade do que fizeram por mim e por minhas irmãs, sempre nos incentivando a trilhar os caminhos dos estudos e facilitando para que alcançássemos nossos objetivos.

À minha irmã, Laysse, por todo o apoio e compreensão ao conviver diretamente comigo no dia a dia, por amenizar os desafios de conciliar as tarefas diárias de um lar com a rotina exaustiva da vida acadêmica, além de proporcionar companheirismo fraternal. E à minha irmã, Hileane, por ser o modelo de pessoa que desejo ser na vida acadêmica e pessoal; tenho a sorte de possuir uma conexão extraordinária com ela, compartilhando personalidades e propósitos semelhantes.

Minha gratidão à minha orientadora e professora, Ana Gabriela Fernandes, que aceitou conduzir esta pesquisa, tornando os processos da pesquisa leves, demonstrando dedicação, empatia e compreensão. No mesmo sentido, outras professoras que também foram importantes na minha trajetória estudantil, agradeço às professoras Deyse Soares (*in memoriam*) e Samara Silva, que abriram as portas para a escrita acadêmica e depositaram confiança em meus primeiros trabalhos.

Às professoras das disciplinas Prática e Pesquisa Educacional I, Suênya Mourão, e Mirian Abreu da disciplina Prática e Pesquisa Educacional II que estiveram presentes para sanar dúvidas e contribuir com conhecimento sobre as etapas que englobam o

desenvolvimento da pesquisa. E à professora Lucineide Soares, pelo incentivo ao meu progresso profissional e pelo encorajamento a lutar por justiça social em todas as suas dimensões.

Aos colegas, professores supervisores e coordenadoras que participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que me possibilitou o contato direto com a prática docente e com o ambiente colaborativo, proporcionando suporte ao desenvolvimento pessoal e acadêmico.

A participação no Projeto de Extensão Biblioteca Móvel: Levando a Leitura a Todos os Lugares me permitiu compreender a importância da leitura no desenvolvimento humano, tanto como estímulo ao aprendizado quanto como uma atividade prazerosa.

A oportunidade de ser estagiária, pois durante o estágio na Brinquedoteca Espaço Hora da Aventura, pude presenciar as rotinas e demandas relacionadas ao funcionamento de uma brinquedoteca dentro de uma instituição de ensino superior, colaborando e aprimorando minhas habilidades ao longo de vários semestres.

Expresso meu profundo agradecimento por ter participado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Essa foi uma oportunidade enriquecedora, que permitiu desenvolver a pesquisa com a temática escolhida, contribuindo significativamente para o meu crescimento acadêmico e científico.

Por ter tido a chance de ser monitora da disciplina de Alfabetização, foi uma experiência marcante e transformadora. Ao colaborar com os colegas e compartilhar conhecimentos ampliou minha visão e enriqueceu meu aprendizado. Essa vivência ficará registrada como um marco significativo em minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos Suzana Fortes, Maria de Jesus Santos, Ezequiel Moreira, Cristiane Moraes e Thaynara Brandão, que permaneceram comigo mesmo quando abdiqe de ser mais presente na vida deles; aconselharam-me e escutaram minhas dores, confortando-me com palavras que me fizeram acreditar que, ao final, tudo daria certo. As minhas amizades externas ao ambiente acadêmico, Vanessa Costa, Erick Silva, Ricardo Carvalho, Mayara Freitas e Francisca Maria Silva, obrigada por manterem os laços e estarem comigo durante esta fase tão importante.

A minha tia Conceição, por ser uma grande profissional na área, sendo fonte de inspiração, agradeço por tudo. E, em especial, à minha madrinha Solidade, exemplo de mulher forte, me incentivava a lutar pelos meus sonhos e, além disso, presenteou a mim e à minha irmã com nosso primeiro notebook compartilhado, permitindo que pudéssemos ir mais longe nos estudos.

Sou grata a Rafaële Amorim, que participou da minha banca de qualificação, realizando a leitura e sugerindo importantes contribuições para o enriquecimento da pesquisa, a fim de melhor atingir os objetivos propostos.

Com admiração e respeito à banca avaliadora, Samara Silva e Rafaële Amorim, expresso minha sincera gratidão a vocês por aceitarem o convite e por dedicarem seu tempo e esforço.

E a todas as pessoas que colaboraram direta e indiretamente para a realização de um dos meus sonhos, que torceram para que este momento chegasse. Minha eterna gratidão a vocês e a todos mencionados.

*“Mas eu não vim até aqui pra desistir agora.
Minhas raízes estão no ar.
Minha casa é qualquer lugar.
Se depender de mim, eu vou até o fim.”*

Humberto Gessinger

RESUMO

No cenário atual, os estudos sobre a individualidade da criança têm recebido maior ênfase, desfazendo a visão de que elas são meros adultos em miniatura. Reconhece-se que as crianças são seres sociais em busca de oportunidades para se desenvolver, se reconhecer no mundo e se tornarem adultos funcionais. Esta pesquisa busca por meio do objetivo geral analisar as práticas pedagógicas na Educação Infantil que contribuem para o desenvolvimento da autonomia infantil com base na literatura da área e elencou os específicos sendo eles: refletir a concepção dos teóricos estudados sobre a autonomia no desenvolvimento infantil; identificar as principais práticas utilizadas pelos professores para promover a autonomia dos alunos com base na literatura e relatar a influência da organização física da sala de aula na promoção da autonomia dos alunos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho exploratório. O estudo da pesquisa concentra-se na prática pedagógica desenvolvida pelos professores para a promoção da autonomia dos alunos e nas escolhas dessas práticas para o desenvolvimento integral. A problemática foi identificada e será abordada no decorrer da investigação deste estudo: como os professores podem desenvolver suas práticas pedagógicas para promover a autonomia infantil? A presente pesquisa visa aprofundar-se nas práticas pedagógicas para a construção da autonomia na Educação Infantil, orientando-se pelas seguintes questões norteadoras: qual a importância da autonomia no desenvolvimento do aluno, com base na literatura da área? Que práticas contribuem para o desenvolvimento da autonomia infantil? Qual a influência da organização física da sala de aula na promoção da autonomia dos alunos? O embasamento teórico da pesquisa está fundamentado em obras como as de Ariès (1981), Freire (1987), Franco (2016), Kishimoto (2017), entre outros, que fornecem conceitos centrais e suporte para elaboração das ideias, e para chegar às categorias de análise, por fim na considerações finais. A pesquisa apontou a discussão em três categorias: “Autonomia e Desenvolvimento Infantil: Importância Desses Elementos na Educação Infantil”, “Práticas Pedagógicas e a Relação entre Autonomia e Desenvolvimento na Educação Infantil” e “Influência da Organização Física da Sala de Aula no que Tange o Desenvolvimento da Autonomia dos Alunos”. Por meio da análise de conteúdo, foi possível constatar os benefícios para a construção da autonomia com o uso de jogos, brincadeiras, afetividade, ambiente preparado, interações, imaginário, respeito, rotina, planejamento, entre outros. Esta pesquisa desvendou a importância de promover a autonomia infantil por meio das práticas pedagógicas que devem ser cuidadosamente elaboradas para abranger diversas áreas do desenvolvimento da criança, proporcionando um ambiente propício para que elas se desenvolvam de forma integral.

Palavras-chave: Autonomia; Desenvolvimento Infantil; Educação Infantil; Prática Pedagógica; Organização Física da Sala de Aula.

ABSTRACT

In the current scenario, studies on the individuality of children have gained greater emphasis, dismantling the view that they are merely miniature adults. It is recognized that children are social beings seeking opportunities to develop, recognize themselves in the world, and become functional adults. This research aims, through its general objective, to analyze pedagogical practices in Early Childhood Education that contribute to the development of children's autonomy based on the literature in the field. The specific objectives are: to reflect on the conception of autonomy in child development according to the studied theorists; to identify the main practices used by teachers to promote students' autonomy based on the literature; and to report the influence of the physical organization of the classroom on promoting students' autonomy. This is a bibliographic qualitative research of an exploratory nature. The study focuses on the pedagogical practices developed by teachers to promote students' autonomy and their choices in fostering comprehensive development. The problem was identified and will be addressed during the investigation of this study: how can teachers develop their pedagogical practices to promote children's autonomy? This research aims to delve into pedagogical practices for building autonomy in Early Childhood Education, guided by the following central questions: what is the importance of autonomy in student development based on the literature in the field? What practices contribute to the development of children's autonomy? What is the influence of the physical organization of the classroom on promoting students' autonomy? The theoretical foundation of this research is based on works by authors such as Ariès (1981), Freire (1987), Franco (2016), Kishimoto (2017), among others, which provide central concepts and support for the elaboration of ideas and the development of analytical categories, culminating in the final considerations. The research focused on three categories of discussion: "Autonomy and Child Development: The Importance of These Elements in Early Childhood Education," "Pedagogical Practices and the Relationship Between Autonomy and Development in Early Childhood Education," and "The Influence of Classroom Physical Organization on the Development of Students' Autonomy." Through content analysis, it was possible to identify the benefits of fostering autonomy through the use of games, play, affectivity, prepared environments, interactions, imagination, respect, routines, planning, and other elements. This research unveiled the importance of promoting children's autonomy through pedagogical practices that should be carefully designed to encompass various areas of children's development, providing an environment conducive to their holistic growth.

Keywords: Autonomy; Child Development; Early Childhood Education; Pedagogical Practice; Classroom Physical Organization.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF – Constituição Federal

DCNEI- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação da Educação Nacional

PIBIC- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência

RCNEI- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1: Publicações relacionadas a Autonomia e Desenvolvimento Infantil.....	38
QUADRO 2: Publicações relacionadas a Autonomia e Prática Pedagógica.....	42
QUADRO 3: Publicações relacionadas a Autonomia e Organização Física da Sala de Aula.	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1 Aspectos Históricos da Educação Infantil e o Seu Perfil nos Documentos Legais.....	19
2.1.1 Breve Histórico da Educação Infantil.....	20
2.1.2 As Bases Legais da Educação Infantil.....	23
2.1.3 Currículo na Educação Infantil.....	25
2.2 Olhares Sobre a Infância: Concepções de Desenvolvimento Infantil.....	27
2.2.1 Brincar e Afetividade: Enfoque da Teoria de Kishimoto e Wallon.....	28
2.3 O Lugar da Autonomia na Prática Pedagógica na Educação Infantil.....	30
2.4 A Influência da Organização Física da Sala de Aula no Desenvolvimento dos Alunos...	
31	
2.4.1 A Visão da Teoria Montessoriana Sobre o Ambiente Preparado.....	32
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	34
3.1 Abordagem da Pesquisa.....	34
3.2 Análise de Dados.....	35
4. ANÁLISE DOS ASPECTOS DETERMINANTES NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA: CONTRIBUIÇÕES E REALIDADES.....	37
4.1: Autonomia e Desenvolvimento Infantil: Importância Desses Elementos na Educação Infantil.....	38
4.2: Práticas Pedagógicas e a Relação entre Autonomia e Desenvolvimento na Educação Infantil.....	42
4.3: Influência da Organização Física da Sala de Aula no que Tange o Desenvolvimento da Autonomia dos Alunos.....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Entende-se a Educação Infantil sendo a primeira etapa de escolarização da criança, sendo também a maior interação fora dos laços familiares. Esta fase é basilar para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico da criança. Durante o período, as crianças exploram e aprendem sobre o mundo ao seu redor de maneiras diversas, através de atividades lúdicas, interações sociais e descobertas pessoais. Segundo Oliveira (2020), a Educação Infantil está em constante construção histórica; cada época irá definir a concepção do ser criança, seu desenvolvimento e seus modos de interagir, bem como os conhecimentos que deve possuir.

No cenário atual, os estudos sobre a individualidade da criança têm recebido maior ênfase, desfazendo a visão de que elas são meros adultos em miniatura. Reconhece-se que as crianças são seres sociais em busca de oportunidades para se desenvolver, se reconhecer no mundo e se tornarem adultos funcionais. Oliveira (2019), considerando os pressupostos, sublima que a prática pedagógica dos professores deve reconhecer e respeitar as particularidades de cada aluno, levando em conta que estes estão em fase de desenvolvimento. É urgente evitar a criação de expectativas inadequadas, como exigir que os alunos permaneçam sentados por longos períodos, uma vez que ainda não estão preparados para isso. Além disso, é de extrema importância que as atividades realizadas em sala de aula sejam estimulantes, promovendo o desejo de aprender nos alunos.

Nesse contexto, promover a autonomia infantil é determinante. As práticas pedagógicas devem ser cuidadosamente elaboradas para abranger diversas áreas do desenvolvimento da criança, proporcionando um ambiente propício para que elas se desenvolvam de forma integral.

Evidenciada por Santos (2006), a autonomia é descrita nos documentos direcionados aos professores, onde ganha locais de destaque em seu corpo, para tal alcance, simultaneamente apresenta a relevância dos professores compreender a relação etapa da infância com a função educativa. Na educação básica, é compreendida como um objetivo a ser alcançado dentro de uma dimensão social, sendo parte de um processo que deve ser construído e vivenciado ao longo da vida.

O interesse na temática surgiu a partir da experiência vivenciada na disciplina de Educação Infantil, componente curricular do quarto período de Licenciatura em Pedagogia. Na disciplina, a professora ministrante apresentou a concepção de criança, princípios e documentos que normatizam a Educação Infantil, tal como o perfil do trabalho docente. Por

fim, a última atividade teórico-prática consistiu na experiência de campo, direcionada aos graduandos para observarem uma escola de Educação Infantil. Durante essa atividade, os licenciandos puderam escolher qualquer uma das turmas disponíveis em uma escola da Educação Infantil.

A escolha foi uma turma do pré II, ao realizar as observações e a produção textual de um relatório, foi possível constatar um ambiente ríspido, as crianças eram tratadas com rigidez. As práticas pedagógicas eram desprovidas do uso da ludicidade e a disciplina era o centro da atmosfera da sala de aula, na percepção da pesquisadora. Conclui-se que, nesse contexto, a prática pedagógica não promoveu o desenvolvimento integral por meio da construção da autonomia infantil.

Diante do aporte teórico adquirido anteriormente na disciplina, nas observações foi possível perceber regras de convivência exageradas, popularmente chamados de “combinados”, ao ponto de as crianças terem horários fixos para poder beber água e usar o banheiro, negligenciando a individualidade das crianças, impedindo de irem conforme a sua necessidade fisiológica.

O cenário não era o ideal, visto que uma criança com autonomia exageradamente limitada não consegue desenvolver habilidades para tomar suas próprias decisões, encontrar soluções para adversidades, interagir socialmente, expressar-se, gerenciar emoções, entre outros aspectos que competem ao desenvolvimento integral. No entanto, isso não implica em dizer que a criança deva ter liberação total de suas vontades. É necessário haver mediação para garantir que as práticas não ofereçam riscos à sua integridade física e emocional.

Durante os primeiros contatos com o ambiente da sala de aula com o papel de docente, contato direto com os professores supervisores, planejamentos com a gestão escolar, entre outros setores que compõem a escola e o funcionamento do programa, concebidas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que permitiu entender a relevância da autonomia para o desenvolvimento dos alunos.

As participações dos alunos nas atividades que proporcionaram respeitos às suas escolhas e englobando aspectos de promoção da autonomia, obtiveram resultados progressivamente satisfatório em seu desenvolvimento, para a pesquisadora atuante como bolsistas no programa, revelou-se um aspecto primordial para implementar durante as práticas pedagógicas.

Esta pesquisa busca, por meio do objetivo geral, analisar as práticas pedagógicas na Educação Infantil que contribuem para o desenvolvimento da autonomia infantil, com base na literatura da área e, de forma específica: refletir a concepção dos teóricos estudados sobre a

autonomia no desenvolvimento infantil; identificar as principais práticas utilizadas pelos professores para promover a autonomia dos alunos com base na literatura e relatar a influência da organização física da sala de aula na promoção da autonomia dos alunos.

O estudo da pesquisa concentra-se na prática pedagógica para a promoção da autonomia dos alunos e nas escolhas dessas práticas para o desenvolvimento integral. A problemática foi identificada e será abordada no decorrer da investigação: A partir de um estudo teórico como os professores podem desenvolver suas práticas pedagógicas para promover a autonomia infantil?

A presente pesquisa visa aprofundar-se nas práticas pedagógicas para a construção da autonomia na Educação Infantil, orientando-se pelas seguintes questões norteadoras: qual a importância da autonomia no desenvolvimento do aluno, com base na literatura da área? Que práticas contribuem para o desenvolvimento da autonomia infantil? Qual a influência da organização física da sala de aula na promoção da autonomia dos alunos

A metodologia desta pesquisa foi de caráter qualitativo, partindo da indagação das questões norteadoras que irão alinhar a pesquisa em busca de conhecimentos sistemáticos, o objetivo geral consiste em analisar as práticas pedagógicas na Educação Infantil que contribuem para o desenvolvimento da autonomia infantil. Os objetivos específicos que irão delimitar a pesquisa almeja demonstrar que a autonomia é potencializada tanto por práticas pedagógicas intencionais quanto por um ambiente escolar planejado, destacando como essas ações colaboram para o desenvolvimento integral dos alunos.

No âmbito acadêmico, a pesquisa almeja contribuir para a compreensão das práticas pedagógicas que favorecem a autonomia infantil, e como consequência positiva, o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil, fornecendo subsídios teóricos e práticos para aprimorar o trabalho dos educadores nesse contexto específico. E no social, visa destacar a contribuição de práticas pedagógicas na Educação Infantil com a intencionalidade de promover a autonomia para o desenvolvimento integral da criança, com uma base sólida de habilidades para conviver em sociedade como seres autônomos e protagonistas da sua história.

O embasamento teórico da pesquisa está fundamentado em obras como as de Ariès (1981), Freire (1987), Franco (2016), Kishimoto (2017), entre outros, que fornecem conceitos centrais e suporte para elaboração das ideias, e para chegar às categorias de análise e, por fim, as considerações finais.

A pesquisa está inicialmente estruturada em capítulos teóricos, que incluem a contextualização histórica sobre a evolução da concepção de infância, as bases legais que

apresentam marcos significativos na Constituição Federal, eventos marcantes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a integração da Educação Infantil às demais etapas de ensino, além de documentos curriculares que destacam a autonomia infantil. Entre esses documentos estão o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em seguida, foram discutidas as perspectivas da infância sob o olhar de alguns importantes teóricos da área de desenvolvimento infantil. Ademais, abordou-se a autonomia como um elemento indivisível nas práticas pedagógicas. Por fim, foi destacado o papel da organização física da sala de aula no desenvolvimento da autonomia e do desenvolvimento integral.

O percurso metodológico caracteriza a pesquisa quanto à abordagem e ao tipo de análise realizado. No capítulo de análise, as categorias levantadas e discutidas são: Autonomia e Desenvolvimento Infantil: Importância Desse Elemento na Educação Infantil; Práticas Pedagógicas e a Relação entre Autonomia e Desenvolvimento na Educação Infantil. Também é abordada a Influência da Organização Física da Sala de Aula no que Tange o Desenvolvimento da Autonomia dos Alunos

2 REVISÃO DE LITERATURA

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: inicialmente, serão abordados os aspectos históricos, as bases legais e o currículo na Educação Infantil. Em seguida, serão exploradas as concepções de desenvolvimento integral, será discutido o papel da autonomia na prática pedagógica na Educação Infantil e a influência da organização física da sala de aula no desenvolvimento dos alunos.

2.1 Aspectos Históricos da Educação Infantil e o Seu Perfil nos Documentos Legais

Em conformidade com Pires e Branco (2008), a promoção da autonomia implica investir na participação infantil como meio de a criança construir e regular sua subjetividade. Todavia, evidencia que não se trata de encorajar comportamentos desordeiros ou rebeldes, nem de colocar o adulto em posição de obediência aos desejos da criança. Igualmente, menciona que as divergências do conceito histórico de ser criança ao longo do tempo, dificulta a construção de serem vistas como sujeitos ativos e protagonistas de suas próprias histórias.

É amplamente reconhecido que, mesmo atualmente, com diversos estudos discutindo parcialmente a importância da construção da autonomia da criança, percebe-se que nas escolas os métodos de ensino frequentemente são engessados. Tais métodos também têm consequências limitantes para as crianças, pois não permitem o pleno desenvolvimento de sua autonomia.

Momentos propícios para o desenvolvimento da autonomia são primordiais para o desenvolvimento. Como interações com outras crianças. Dias e Medeiros (2020) constataram que ao permitir que as crianças brincassem livremente, usassem a imaginação e manipulassem os brinquedos, surgia entre elas uma relação de cooperação. Através do diálogo, elas decidiam juntas o que fazer, criando uma atmosfera de ajuda mútua.

O que não ocorre na maioria dos ambientes escolares, especialmente em sala de aula, mas não limitada a esse espaço, externo a sala de aula, também é comum se manifestar tanto na restrição de atividades, como correr no recreio por medo de se machucarem, quanto na falta de permissão para explorar o ambiente escolar. Outrossim, as constantes repreensões por comportamentos naturais da criança não ouvidos também contribuem para essa limitação.

Mogilka (1999) ressalta que o uso dos termos liberdade e autonomia é popularmente utilizado de maneira errônea no âmbito da Pedagogia e espaços educacionais, como se fossem sinônimos, o autor diferencia liberdade e autonomia. A liberdade significa agir sem impedimentos, fazendo o que se quer. Em contrapartida, a autonomia está diretamente ligada

à capacidade de se autorregular, sem que o outro interfira impondo regras e limites. Acrescentando a isso, destaca a importância de não esquecer que a criança se encontra em uma fase inicial de socialização, de descobrir o outro e a si mesmo, processo este de formação do seu eu.

Educar para a construção da autonomia significa orientar os alunos a respeitarem, de forma consciente, regras e limites, não de modo compulsório, mas como um meio necessário para a boa convivência e a segurança do coletivo, para que possam refletir sobre os impactos de suas ações no outro. Contudo, é importante observar que o aluno ainda está se descobrindo e se descobrindo o outro, o que requer paciência no processo até que ele alcance a capacidade de se autorregular.

Chipil e Blaszko (2020) observam que, ao longo do tempo, a Educação Infantil tem se tornado uma temática de crescente interesse, abandonando a visão das crianças como simples versões em miniatura de adultos, conforme discute Ariès (1981). No cenário atual, o papel da criança é amplamente reconhecido e estudado. As descobertas revelam que esta fase é vital para o desenvolvimento do equilíbrio e da inteligência na vida adulta. A Educação Infantil é marcada pela integração das características individuais das crianças, do ambiente físico ao seu redor, da presença de profissionais qualificados, bem como das interações com seus pares, considerando tanto suas semelhanças quanto os estímulos adequados para cada criança.

A visão de crianças como "Adultos em Miniatura" foi se dissipando ao longo do tempo, dando lugar a uma ressignificação que reconhece as crianças como seres com identidade própria e características únicas. Essa mudança reflete a crescente importância atribuída à Educação Infantil, que passou a ser vista como indispensável para a formação humana e a preparação para os desafios do futuro (Ariès, 1981).

Essa seção tratará sobre a evolução do entendimento do ser criança ao longo do tempo: uma passagem histórica desde a sociedade medieval até os dias atuais, para de fato compreender o percurso histórico da criança como ser que precisa de proteção, cuidado e direitos.

2.1.1 Breve Histórico da Educação Infantil

Ao explorar a narrativa da concepção de criança ao longo da história e percurso da Educação Infantil até os dias atuais, foi possível constatar como as diferentes sociedades visualizavam a criança e como as crianças eram tratadas dentro e fora dos ambientes

educacionais. Aprofundar-se sobre a temática corrobora para que os educadores adotem as práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento mais holístico das crianças.

Nas palavras de Pinheiro (2003) mostram que era comum no cotidiano da sociedade da Idade Média, durante a infância, a ocorrência de mortes prematuras de bebês e crianças. Existiam índices de mortalidade que sinalizavam a falta de condições para a promoção do desenvolvimento infantil. Viviam em situações de higiene precária e a medicina não tinha evoluído ao ponto de contornar algumas enfermidades. As crianças sobreviventes eram festejadas, sendo consideradas fortes, e rapidamente adentravam no mundo dos adultos.

Outras características comuns da época relacionadas às crianças, infelizmente, envolviam a alta taxa de mortalidade infantil. Isso se dava devido à medicina rudimentar, incapaz de tratar adequadamente muitas doenças, e à falta de higiene. As crianças que sobreviveram a esse contexto precário, que ceifou tantas vidas, eram vistas como fortes e, logo, eram inseridas no universo adulto, sem distinção entre infância e vida adulta.

Rocha (2002), em seus estudos do livro "História Social da Criança" de Philippe Ariès de 1981, discute que o relacionamento com as crianças tinha como objetivo utilizar sua força produtiva em prol da sociedade. A partir dos sete anos, as crianças eram colocadas para trabalhar, contribuindo para a renda familiar. Assim como, eram consideradas substituíveis.

Como bem destacado pelo próprio autor na qual tem estudado (Ariès, 1981, p. 156):

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças não fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Não existia a consciência de que a criança se encontrava em fase de desenvolvimento, de modo que, não as diferenciava do adulto, ela era inserida e tratada sem particularidades, o “Sentimento da Infância” não era cultivado pela sociedade da época, exemplificando, cuidado, proteção e a afeição pelas crianças. Frota (2007) diz que momentos raros em que a criança recebia algum tipo de cuidado, eram limitadas a apenas os primeiros anos de vida, após era inseridas nos ambientes sem qualquer tipo de cuidado às exposições, que eram naturalizadas as crianças participarem sem a preocupação com os efeitos negativos que poderiam acarretar.

No século XVIII, a única instituição que assistia a criança abandonada era chamada de "A Roda dos Expostos", localizada no Rio de Janeiro. Marcílio (2016) expõe que seu papel foi importante para amparar essas crianças. Esse sistema seguia o modelo do que acontecia na Europa Medieval: a criança era entregue sob anonimato. Era uma opção para evitar que a criança fosse destinada a outras formas de abandono, como deixá-la em qualquer casa, bosque, lixo e outros lugares que não estavam receptivos e nem preparados para recebê-las.

Para amenizar o problema social do abandono infantil, foi criada a instituição chamada "Roda dos Expostos", destinada a receber crianças que não eram desejadas ou que, por motivos financeiros, eram deixadas de forma anônima. Esse mecanismo, adotado na época, tinha como objetivo garantir a segurança das crianças, oferecendo cuidado e abrigo.

Fora do Brasil, ocorria a Revolução Industrial durante o século XVIII na Inglaterra. Foram utilizadas máquinas para acelerar a produção, sendo a principal delas a máquina a vapor, com o objetivo de obter maiores lucros. Houve a ampliação das fábricas em toda a Inglaterra. A classe social burguesa comandava, enquanto o proletariado trabalhava, visto que essas máquinas destruíram o trabalho dos artesãos. Mulheres e crianças também foram inseridas como mão de obra barata. Especificamente, as crianças trabalhavam de 10 a 12 horas por dia, em ambientes insalubres, sem direitos trabalhistas, entre outras condições que chegavam a ser desumanas (Prefeitura Municipal de Piúma, 2011).

O autor descreve o processo histórico denominado Revolução Industrial, que impactou profundamente a economia e a sociedade da época. Esse período foi marcado pela expansão industrial na Inglaterra, onde duas classes sociais contrastavam-se entre si: a burguesia, que usufruía dos lucros provenientes da mão de obra barata pelo proletariado, enquanto isso no proletariado era o comum na época encontrar mulheres e crianças em trabalhos manuais precários, com cargas horárias exorbitantes.

A violência exercida sobre as crianças era comum desde a antiguidade; apenas na metade do século XX, compreendeu-se que tais atitudes poderiam ser prejudiciais. Foi uma época marcada pela progressiva ressignificação da concepção de criança, passando a vê-la como sujeito autônomo e interativo, que precisa de cuidados e atendimento às suas necessidades no que tange ao desenvolvimento e crescimento. Essa época foi um marco decisório no modelo de tratar as crianças e identificar maus-tratos (Canha, 2017).

Ao longo da história, as crianças eram frequentemente tratadas sem consideração adequada aos seus direitos e necessidades. Somente na metade do século XX, houve um marco significativo no reconhecimento de que as crianças necessitam de cuidados

diferenciados em relação aos adultos, resultando na conscientização sobre a importância de ressignificar o tratamento infantil.

Conforme Barreto (1998), a história da Educação Infantil é uma temática de discussão recente entre os brasileiros. Apesar da sua existência superar um século, os debates e o atendimento iniciaram-se e tornaram-se significativos com o atendimento de crianças menores de sete anos, fortemente influenciados pelos modelos educacionais que ocorriam em outros países.

A educação infantil não evoluiu satisfatoriamente de acordo com o tempo de sua existência. As políticas públicas educacionais voltadas para crianças menores de sete anos foram, em grande parte, frutos da reprodução de modelos de outros países desenvolvidos, sem uma adaptação real às necessidades e características do Brasil. Mas houve mudanças no atendimento, pois conseguiu ampliar a oferta e obrigatoriedade, como é possível observar nas afirmações a seguir.

No entanto, para Passamai e Silva (2009), enfatizam que a Educação Infantil avançou muito ao longo da sua história, reconstruído para abranger as crianças independente da classe social, demonstrando a nova concepção de creche e pré-escola de ser um investimento a para a educação, de modo a proporcionar vivências até que se inicie a entrada da criança na escolarização obrigatória.

Ainda, os autores supracitados abordam sobre o enfrentamento de desafios encontrados na desconstrução de como as instituições de Educação Infantil vinham sendo tratadas, com propostas educacionais sem fundamentos. Sendo assim, não atingia um modelo de educação eficiente para atender as necessidades infantis.

Em síntese, a concepção de criança e da Educação Infantil passou por processos de ressignificação ao longo de sua trajetória. No percurso histórico da Idade Média até o século XVIII, eram épocas em que as crianças eram inseridas em ambientes precários, sem proteção institucional, sujeitas à exploração infantil e ao abandono, dependendo de pessoas ou instituições caridosas para sua sobrevivência. A partir da metade do século XX, surgiu a compreensão da criança como um sujeito autônomo e dos efeitos negativos ocasionados pelos maus-tratos. Na atualidade, percebe-se a importância de entender a criança e a Educação Infantil para promover o desenvolvimento infantil de forma integral.

2.1.2 As Bases Legais da Educação Infantil

A Constituição Federal (CF) de 1988 foi premente para garantir o ensino de crianças de zero a cinco anos em espaços formais de ensino. Ela definiu a Educação Infantil como porta de entrada do ensino básico para crianças dentro desta faixa etária (Neto; Caldas; Marques, 2021). Tal passo foi um marco significativo para o reconhecimento do direito à Educação infantil, tornando um direito assegurado, além de demonstrar a sua importância como etapa no processo educacional desde os primeiros anos de vida.

Ao considerar a Educação Infantil dentro da CF, foi um evento marcante, pois permitiu a existência de uma base sólida para que a Educação Infantil ganhasse sua parcela de incentivos para melhorias e expansão do país. Simultaneamente, corroborou para o reconhecimento da relevância dos primeiros anos da criança, justificando os futuros investimentos nessa etapa.

A Educação Infantil foi incorporada à Educação Básica pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), representando a mais recente etapa a ser integrada a essa estrutura educacional (Dias, 2019). Anteriormente à promulgação desta lei, a educação básica no Brasil era composta apenas pelo Ensino Fundamental e Ensino Médio. A partir dessa conquista, passou a ser reconhecida a importância dos primeiros anos de vida da criança como uma etapa decisiva para o desenvolvimento integral.

Antes da promulgação da lei mencionada, a Educação Infantil era excluída como parte integrante da Educação Básica. Com a descoberta científica acerca da importância da Educação Infantil, não apenas houve um impulso na oferta dessa etapa, mas também uma mitigação de paradigmas que a sociedade possuía com relação a essa primeira etapa. Ademais a LDB irá tratar em seu corpo na seção II, no art. 29 sobre a Educação Infantil (Brasil, 1996, p. 24):

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O artigo da lei também irá frisar o papel da família e da comunidade no que se refere ao desenvolvimento da criança que se encontra na primeira etapa da educação básica. Ambos os agentes são responsáveis pelo desenvolvimento integral, abarcando os aspectos psicológicos, intelectuais e sociais. Sobre a colaboração mútua dos dois agentes, família e comunidade, foi bem articulado por Oliveira (2021, p. 35) “a educação é um processo em constante movimento na sociedade, onde todos os agentes devem estar envolvidos”.

A relação entre os agentes, família e comunidade deve ter como prioridade o bem-estar e o desenvolvimento do estudante. Dessa forma, é de extrema relevância que essas interações sejam de natureza colaborativa, promovendo um esforço coletivo. Assim, a responsabilidade pelos avanços alcançados será compartilhada por todos esses agentes.

Os dois documentos foram frutos da discussão na sociedade sobre a relevância da Educação Infantil para o desenvolvimento integral da criança, resultando no reconhecimento legal dessa etapa como um direito que visa garantir oportunidades iguais para o desenvolvimento, crescimento e aprendizagem. Portanto, a valorização da Educação Infantil vai além de uma política educacional; é um arranjo de tentar garantir a construção de um futuro igualitário e promissor, capacitando e conscientizando os cidadãos.

2.1.3 Currículo na Educação Infantil

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) visa a implantação de práticas educativas que promovam a educação de qualidade, por meio de referências e orientações, oferecendo assim condições para que as crianças brasileiras exerçam sua cidadania (Brasil, 1998). A leitura desse documento é de grande valia para instituições educacionais e educadores desenvolverem o seu fazer pedagógico elaborado com as instruções da faixa etária, adicionalmente, o objetivo vai além do preparo das capacidades acadêmicas, preocupa-se com a formação cidadã e consciente das crianças.

O RCNEI (Brasil, 1998, p. 14) define a autonomia dentro do contexto da Educação Infantil:

[...] a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é, nessa faixa etária, mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, um princípio das ações educativas. Conceber uma educação em direção à autonomia significa considerar as crianças como seres com vontade própria, capazes e competentes para construir conhecimentos, e, dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem [...]

O documento aborda as habilidades das crianças em realizar escolhas, levando em consideração aspectos como regras, perspectivas do outro e valores pessoais. Assegura que a autonomia é preponderante para orientar as ações educativas, sendo indispensável torná-la um princípio central para tais ações. Neste contexto, Klimaszewski (2019) menciona a relação entre autonomia e Educação Infantil, estão relacionados com a etapa em que a criança constrói seus saberes e se desenvolve, incluindo o ato de se conhecer, conhecer o outro e o

meio, o convívio social e as consciências. Para a autora, a autonomia faz parte da formação humana.

No que diz respeito ao momento de incentivar a autonomia durante a infância, o RCNEI aborda a importância das decisões relacionadas às atividades e materiais, incentivando a criança a realizar suas escolhas. O RCNEI sublinha sobre:

A capacidade de realizar escolhas amplia-se conforme o desenvolvimento dos recursos individuais e mediante a prática de tomada de decisões. Isso vale tanto para os materiais a serem usados como para as atividades a serem realizadas. Podem-se criar situações em que as crianças fazem suas escolhas entre várias opções, em locais distintos ou no mesmo espaço. Esta pode representar uma ótima oportunidade de integração entre crianças de diferentes idades (Brasil, 1998, p. 39)

Estas devem contemplar oportunidades de escolha desde cedo, proporcionando oportunidades decisórias com as mais variadas opções, tanto entre os espaços nos quais a criança já está inserida quanto em outros. Igualmente, incentiva-se o convívio entre crianças de faixas etárias diferentes. Souza *et al.* (2017) reiteram que as interações entre crianças por meio da brincadeira são experiências vivenciadas que permitem o desenvolvimento, de modo que possam conhecer o mundo ao seu redor e adentrar no campo social, sendo a escola o ambiente que amplia a referência de relacionamento entre crianças.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de 2010, destaca-se a criança como um ser histórico e possuidor de direitos, que estabelece interações, vivências práticas do dia a dia. Durante esta fase, permeia a construção da sua identidade e de seus pares coletivamente, utilizando o brincar, o universo imaginativo e fantasioso enquanto constrói conhecimento sobre o mundo ao seu redor e a natureza, gerando cultura (Brasil, 2010).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que serve de norte para as ações em todas as áreas de conhecimento da educação básica, com o objetivo de atingir a educação de qualidade. Foi desenvolvida para ser completa e contemporânea, a fim de solucionar as demandas atuais na educação (Brasil, 2017). Sendo documento normativo elaborado pelo Ministério da Educação a fim de oferecer o ensino de qualidade, para alcançar o atendimento das realidades vividas pelos alunos.

Estabelece a organização do conjunto de conhecimentos, competências e habilidades que devem ser desenvolvidas, visa desenvolver a criança integralmente, valorizando as características individuais de cada aluno e a aprendizagem significativa (Brasil, 2017). A

BNCC é um documento normativo intrínseco para a educação básica do país, caracterizando os conhecimentos, competências e habilidades a serem desenvolvidos na educação básica.

Esses documentos foram elaborados com o objetivo de que a educação no Brasil alcance um patamar de qualidade a nível nacional; eles são utilizados em todo o território brasileiro. Discorrem sobre a importância da autonomia, da interação social e como impactam na prática educativa. Dessa forma, tentam garantir uma educação que valoriza a individualidade, reconhece a criança como um ser histórico e promove o desenvolvimento.

2.2 Olhares Sobre a Infância: Concepções de Desenvolvimento Infantil

Tratando-se dos aspectos do desenvolvimento integral da criança, diversos autores se dedicam a essa temática em seus estudos. Por exemplo, Vygotsky, Wallon, Kishimoto e Montessori discutem sobre o desenvolvimento integral, cognitivo, emocional e físico. A compreensão acerca do desenvolvimento infantil é abordada nas mais diversas áreas pelos autores supracitados, sendo que cada um deles detalha em seus trabalhos sua área de ênfase específica. Em seguida, aprofundam-se sobre os jogos e brincadeiras de Kishimoto e exploram o ambiente preparado de Montessori.

Conforme assinalado por Coelho e Pisoni (2012), a teoria de Vygotsky indica que as características humanas não são inatas; elas são resultado de interações. As crianças iniciam seu desenvolvimento anterior à entrada na escolarização, mas a escola poderá se responsabilizar por agregar novos elementos a favor do desenvolvimento. O sujeito é considerado ativo, e não é possível distanciar a educação das realidades vividas do dia a dia.

As crianças não nascem com características humanas inatas. Essas características são adquiridas por meio de uma perspectiva construtivista, a partir de interações e experiências vividas com pessoas e ambientes. Antes mesmo de frequentarem a escola, elas são influenciadas por diversos contextos sociais. A escola, por sua vez, assume o papel de ampliar o que a criança já desenvolveu com a família, a comunidade e outros contextos.

Com seus estudos, Wallon fez repensar as práticas pedagógicas no âmbito da afetividade no desenvolvimento integral do sujeito. A escola deve preocupar-se com as especificidades de cada indivíduo. O professor deve ser o agente facilitador do processo de desenvolvimento integral no campo psíquico, social e cultural (Assis; Oliveira; Santos, 2022).

A teoria de Wallon destaca a relação entre afetividade e prática pedagógica, para o autor são conceitos interdependentes. Quando alinhados, eles promovem benefícios ao desenvolvimento integral do aluno, diferenciando as funções que a escola e o professor podem desempenhar em diferentes campos da vida do estudante.

A teoria de Kishimoto destaca a importância dos jogos e brincadeiras para a construção do conhecimento, enfatizando sua contribuição nos processos de interações humanas. Almeida e Alves (2021) discutem a teoria de Kishimoto e versam sobre o uso de jogos e brincadeiras como um meio para a construção do conhecimento, um caminho que se alinha ao desenvolvimento integral.

Costa (2022) buscou descobrir as contribuições da teoria montessoriana para o desenvolvimento integral. A autora da teoria interessou-se em pesquisar as formas de como as pessoas aprendem, levando em consideração aspectos da vida cotidiana e das realidades presentes no ensino externo à escola. A teoria discute a vida prática e suas inferências no desenvolvimento da autonomia e independência.

Montessori buscou compreender as maneiras pelas quais as pessoas aprendem em diferentes ambientes, sem limitar seu estudo apenas ao contexto escolar. Ela destacou a importância de uma educação conectada às experiências do dia a dia, que contribuem para o desenvolvimento de crianças com habilidades funcionais, autonomia e independência.

Foram descritas algumas das principais teorias que fundamentam a importância de proporcionar, durante a infância, momentos que oportunizem o desenvolvimento. Esses momentos podem ocorrer por meio de jogos, brincadeiras, aspectos da vida cotidiana e interações sociais. Da mesma forma, a afetividade é destacada como uma força potencializadora do desenvolvimento integral das crianças.

2.2.1 Brincar e Afetividade: Enfoque da Teoria de Kishimoto e Wallon

As teorias de Kishimoto, com seu enfoque no brincar, e de Wallon, centrada na afetividade, são fundamentais para compreender a importância dessas dimensões na formação da criança. A brincadeira, quando permeada pela afetividade, acarreta um desenvolvimento saudável, servindo como base para a construção da autonomia infantil.

As brincadeiras são meios para a construção do saber da criança sobre o mundo ao redor. Kishimoto (2017) acredita que as brincadeiras podem servir para o desenvolvimento, pois nelas as crianças participam utilizando o imaginário, além de expressarem suas ideias e percepções sobre o mundo. O potencial delas também é definido por quem são os participantes a interagir e pelo tempo no qual as interações, ou seja, as brincadeiras, foram identificadas como uma ferramenta que influencia no desenvolvimento.

Para a autora, os participantes nas brincadeiras influenciam o desenvolvimento do potencial, como também destaca fator tempo. As interações entre pares, crianças com adultos

ou entre crianças, possibilitam a aprendizagem por meio de moldagens sobre o que será explorado e interpretado. Durante as brincadeiras, as crianças utilizam o imaginário para assumir papéis sociais, organizam-se entre si para seguir regras, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades para conviver de maneira saudável na sociedade.

Tassoni e Leite (2013) percebem as nuances da teoria Walloniana, esta estar presente nas salas de aula, influenciando o processo decisório do professor e, consequentemente, gerando impactos positivos e negativos na qualidade da aprendizagem. Esses impactos se manifestam na relação entre os alunos e os conteúdos, afetando o vínculo entre o sujeito aprendente e o saber.

A dinâmica da sala de aula, segundo os princípios da teoria walloniana, concentra a afetividade nas relações. Quando aplicada com estratégia, pode gerar impactos positivos, facilitando o aprendizado. O ensino é conduzido por meio de um vínculo afetivo, ao mesmo tempo em que os processos decisórios do professor são influenciados por essa abordagem.

Embasado na teoria Walloniana, Santos, Junqueira e Silva (2016, p.98) relatam sobre a interação professor aluno nutrida de afetividade:

[..] mas como um fator facilitador em como trabalhar com a interação entre professor e aluno, buscando contribuições para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis. Para que o professor conheça bem seus alunos, é necessário que não negligenciem os aspectos afetivos. [...]

A relação professor-aluno impacta a vida estudantil vivenciada pelos alunos. Quando as interações são munidas de afetividade, tornam-se facilitadoras da aprendizagem, graças ao clima agradável e à motivação de estarem em sala de aula, aprendendo a ser seres humanos autônomos e livres, ao mesmo tempo possam alcançar o desenvolvimento integral. Ferreira (2020, p. 25) dialoga a respeito “Propor uma educação que ajude a construir a autonomia e auxilie na construção de um aluno consciente, respeitando suas necessidades e particularidades”.

Estas teorias são resolutivas para discutir a correlação entre a autonomia e o desenvolvimento infantil, evidenciando como essas experiências lúdicas e afetivas contribuem para a formação humana nas mais diversas dimensões da criança. Esses elementos influenciam na formação, na facilidade de aprendizagem, na construção da autonomia e entre outros que corroboram com o desenvolvimento integral.

2.3 O Lugar da Autonomia na Prática Pedagógica na Educação Infantil

Para a execução da prática pedagógica, existem algumas etapas anteriores, incluindo o planejamento, linearidade e a organização dinâmica das atividades para o alcance da aprendizagem. Elas são elaboradas com objetivos educativos para a construção entre os processos formativos dos alunos (Franco, 2016). Dentro desta ótica, é relevante o planejamento e a organização para potencializar o objetivo educativo e obter retorno com a formação do aluno.

No mesmo viés sobre a necessidade de preparo para as práticas pedagógicas, Verdum (2013) irá pontuar sobre a falta de avanços nas práticas pedagógicas, que estão estagnadas, tornando-as despreparadas, transformando os alunos em depósito de conhecimento, e professor como sujeito principal do processo. O professor em seu campo de atuação utiliza de recursos disponíveis para o alcance dos objetivos. Ademais, limita-se com o que se conceitua no estudo como competência instrumental, a capacidade do professor em transmitir o conhecimento de maneira comprehensível.

Durante as práticas pedagógicas tradicionais, os alunos são colocados em posição apenas como receptores do conhecimento, tornando sua participação como depósito, sem oportunidade para a construção do seu próprio conhecimento. Este modelo educacional foi assentado por Freire (1987, n.p.) “Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.”

A prática pedagógica bem-sucedida tende a considerar os alunos como seres individuais. Santana (2000) realça que, na atualidade, já se tem conhecimento de que todos os seres são diferentes uns dos outros, possuindo ritmos, relacionamentos com saberes, pontos de interesse e outros aspectos que diferem entre si.

Para Bilória e Metzner (2013), as atividades no trabalho diário com a Educação Infantil devem ser organizadas da melhor maneira possível. Mesmo com as dificuldades permeadas pelo trabalho em sala de aula pelo professor, é importante que seja resiliente em inovar suas práticas em sala de aula. As autoras destacam o uso de rotinas como meio de desenvolver a autonomia. E acrescentam, da rotina não ser dinamizada de modo mecânico, e sim, utilizando o planejamento para execução de atividades que atendam as demandas de desenvolvimento da criança e que possam favorecer o trabalho docente.

Conforme Xavier (2023), as atividades diárias de uma sala de aula envolvem momentos com ludicidade, com uso de brincadeiras, experiências que ensinam a importância

da higiene, do imaginário, do aprendizado linguístico e das relações sociais. No que se refere ao tempo de cada atividade, a autora destaca a importância de respeitar as necessidades biológicas e fisiológicas de descanso, higiene e alimentação, pois, sendo seres individuais, diferem na velocidade e ritmo na realização das atividades.

O professor deve impulsionar a prática pedagógica de natureza reflexiva, por meio de ações que busquem realmente fazer a diferença. Para isso, é imprescindível repensar constantemente suas abordagens, visando, como consequência, tornar os alunos mais autônomos. Nesse processo, a criatividade pode ser uma aliada importante, permitindo ao professor enriquecer suas práticas pedagógicas e proporcionar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e estimulante.

Portanto, conclui-se que as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem ser planejadas e organizadas antes de serem executadas, visando criar um ambiente formativo. O professor deve inovar e ir além da competência instrumental, evitando tratar os alunos como meros receptores. É decisivo valorizar as características individuais das crianças, como ritmos, relacionamentos e interesses, integrando esses elementos nas atividades diárias. De igual modo, utilizar a rotina para promover a autonomia é inadiável para o desenvolvimento integral dos alunos.

2.4 A Influência da Organização Física da Sala de Aula no Desenvolvimento dos Alunos

A organização da sala de aula pode impactar de maneira positiva ou negativa no desempenho acadêmico, social e emocional dos alunos, influenciando em seu bem-estar dentro deste espaço. Sendo bem elaboradas e organizadas, podem promover a construção da autonomia e, consequentemente, o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social da criança. Desse modo, pode existir uma atmosfera de cooperação, respeito e outros, criando oportunidades para desenvolver habilidades sociais utilizadas pelo aluno para conviver em sociedade.

Nascimento e Orth (2008) dão por certo que o ambiente é capaz de influenciar no desenvolvimento da criança em diversas áreas da vida. Não se trata apenas de um espaço físico, mas, vai além, inclui os modos e dinâmicas em que as crianças interagem com o espaço, atividades dentro e fora da escola, extremamente importante, pois o ambiente se faz presente na vida humana.

A ideia central dos argumentos é demonstrar que o desenvolvimento infantil não ocorre de maneira isolada, mas depende de interações e experiências vividas pelas crianças no

ambiente em que frequentam. Sendo essas interações a exploração do espaço e as relações existentes. Diante disso, o ambiente é dinâmico e pode promover ou limitar o desenvolvimento, gerando autonomia ou limitação, a depender da troca da criança com o espaço.

Cruz e Cruz (2017) expressam em suas colocações sobre a relevância, para o desenvolvimento, das interações entre crianças e adultos, e entre crianças e crianças, para a aprendizagem e crescimento. Um elemento útil é o ambiente atuando como mediador, visto que essas interações não ocorrem sem contexto. Eles elencam alguns recursos elementares no ambiente, como quadros, objetos suspensos e outros, que influenciam nas ações das crianças, consequentemente na facilidade ou não de aprendizagem.

Dito isso, a necessidade de um ambiente bem planejado, com recursos disponíveis para o conhecimento e o manuseio pelas crianças, torna-se evidente como um meio de facilitar as interações, sejam elas entre crianças, ou entre crianças e adultos. Consequentemente, isso transforma o ambiente em um facilitador da aprendizagem natural, promovendo experiências de desenvolvimento integral para as crianças.

Para finalizar, infere-se que, a organização do ambiente escolar influencia diretamente no seu desenvolvimento. O espaço escolar com recursos adequados pode impactar na promoção da autonomia e impulsionar as interações entre alunos e professores, criando uma atmosfera em potencial para o aprendizado, crescimento pessoal, e habilidades sociais, sendo estas fundamentadoras para a convivência em sociedade. Portanto, no ambiente escolar, é de suma importância que seja planejado com cuidado e intencionalidade, assegurando que cada uma das características presente possa contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

2.4.1 A Visão da Teoria Montessoriana Sobre o Ambiente Preparado

Para abrir o diálogo sobre a visão da teoria de Maria Montessori a respeito do ambiente preparado, é de extrema relevância entender a sua trajetória anterior à ascensão, os pontos centrais do que trata em suas obras e suas contribuições para a educação que vão de encontro a enriquecer outras teorias. Röhrs (2010, p. 11) acentua “Existem poucos exemplos de tal empreitada visando instaurar um conjunto de preceitos educativos de alcance universal, e muito raros são os que exercearam uma influência tão poderosa e tão vasta nesse domínio”.

No ano de 1870, nascia na Itália uma futura médica chamada Maria Montessori. Ela dedicou sua vida aos estudos, apesar das adversidades da época, principalmente por ser mulher. Seus estudos alcançaram grande reconhecimento e se conectaram com os de outros

importantes autores no campo da educação. Com o auxílio da menção de outros estudos, foi ganhando notoriedade em seu país, a Itália (Guerra; Silva, 2024).

O método adotado por Montessori segundo Vilela (2014, p. 34) era indiferente da crença que o professor deveria ser o centro do processo:

Importante é que, desde sua concepção, o Método Montessori se opôs aos métodos de ensino da época, onde a figura central do processo ensino/aprendizagem era o professor e seu conhecimento incontestável (e muitas das vezes incompreensível), que era exposto e imposto ao aluno, inerte.

O aluno era colocado em posição de passividade em relação às atividades em sua volta, sem reações para escolher quais seriam executadas. Rossi (2015) aborda sobre um dos pilares da teoria, a autoeducação, que consiste frisar que a criança seja livre para escolher suas atividades de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontra, sendo assim, conforme a necessidade.

O método se caracteriza como um meio que utiliza a compreensão, empregando objetos e situações que promovem a liberdade e a responsabilidade do aluno. Quanto à finalidade do ambiente, ele pode ser preparado para proporcionar à criança a oportunidade de aprender de modo espontâneo e ativo, por meio de estímulos. O professor assume o papel de guia e facilitador, enquanto a criança exerce seu protagonismo em suas descobertas, tornando-se o principal agente de sua própria educação (Vilela, 2014).

A visão de Montessori sobre o ambiente preparado contrasta com as práticas tradicionais adotadas na época; ela promove uma educação em que o aluno se torna ativo e o professor atua como facilitador. A teoria posiciona o aluno no centro do processo e, através da liberdade de exercer a autoeducação, ele se transforma no principal agente de seu desenvolvimento. Portanto, o ambiente preparado oferece estímulos e proporciona um leque de opções para o desenvolvimento espontâneo e ativo, com a segurança de respeitar as necessidades e a fase de desenvolvimento.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

No presente capítulo, foram destacados os métodos de pesquisa empregados nesta pesquisa, bem como os procedimentos adotados para o seu desenvolvimento. Richardson (1985), articula a pesquisa social, não se limita a gerar conhecimento; ela também desempenha um papel notável no desenvolvimento humano. Com uma ampla gama de finalidades, a pesquisa social é utilizada para construir hipóteses, realizar testes e solucionar problemas práticos diversos. É necessário ressaltar que, durante todo o processo investigativo, as teorias desempenham um papel central, orientando a coleta e a análise de dados. Assim, as teorias se configuram como um elemento-chave que influencia significativamente os resultados da pesquisa.

Para realização dessa pesquisa, seguimos o seguinte cronograma: no decorrer dos meses de Fevereiro a Maio de 2024, foi realizada a escrita do projeto com o objetivo de alcançar a qualificação, que ocorreu no final de Maio de 2024. Ao longo do mês de Junho, a revisão de literatura foi expandida com a leitura de trabalhos relevantes sobre o tema já publicados. Nos meses seguintes, Agosto até Dezembro iniciou-se o processo de ampliar a escrita dos capítulos teóricos que fundamentam a pesquisa, apresentando as principais teorias, conceitos relevantes e autores que destacam a temática ao longo da discussão teórica de suas publicações.

Nos meses de Dezembro de 2024 a Janeiro de 2025, foi dada ênfase à análise dos dados sob a ótica construída de acordo com o referencial teórico desenvolvido. Dito isso, no mesmo mês, os dados foram interpretados, discutidos e confrontados com o aporte teórico da pesquisa. Na penúltima etapa da pesquisa, estabelecida pelas metas do cronograma, em Janeiro de 2025, foram sintetizadas as considerações finais e os principais resultados encontrados, além das contribuições desses resultados. Por conseguinte, a pesquisa passou por uma revisão textual, incluindo correções gramaticais. Por fim, na última etapa, a defesa da monografia em Janeiro de 2025.

3.1 Abordagem da Pesquisa

A pesquisa será de abordagem qualitativa, definida por Oliveira (2008) ocorre no ambiente natural, em contato direto com os fenômenos a serem investigados em seu campo de estudo. Os sujeitos são observados pelo pesquisador, que analisa a influência do contexto sobre eles, podendo a atual conjuntura mudar durante a coleta de informações, que ao

pesquisador avançar, tornaram-se dados. A coleta de dados deve considerar que o objeto de pesquisa, a educação, envolve relações dinâmicas, interativas e interpretativas. Assim, a metodologia deve priorizar técnicas que contemplem a pesquisa qualitativa.

De cunho exploratório, afirmam Lösch, Rambo e Ferreira (2023), é cada vez mais frequente o uso da pesquisa exploratória em âmbitos educacionais para compreender fenômenos que precisam ser investigados e identificar a complexidade da realidade. Por meio da análise qualitativa de dados e do envolvimento com o meio, busca-se entender o comportamento humano e seu contexto, utilizando diversas técnicas para garantir a qualidade da pesquisa e alcançar um conhecimento profundo e sistemático.

A pesquisa bibliográfica inicia-se com a revisão de literatura sobre o tema, análise de obras já publicadas, como artigos científicos, dissertações, livros e entre outras fontes confiáveis de pesquisa. Na revisão de literatura é impreterível que o pesquisador busque por fontes confiáveis e relevantes. Precisa-se passar pela etapa de selecionar criteriosamente obras que buscam solucionar sua problemática de pesquisa (Souza; Oliveira; Alves, 2021).

A pesquisa utilizou o mecanismo de busca Google Acadêmico para levantar e filtrar publicações acadêmicas relevantes relacionadas à temática. Foram incluídos artigos, dissertações, teses, livros e capítulos de livro que abordaram a autonomia, o desenvolvimento infantil, a prática pedagógica e a organização física da sala de aula. Para o feito, foram usados os descritores: “autonomia”, “desenvolvimento infantil”, “educação infantil”, “prática pedagógica” e “organização física da sala de aula”.

3.2 Análise de Dados

Rodrigues (2011) esclarece que o método de análise de tratamento de dados, ao ser definido logo no início do processo, poderá beneficiar a pesquisa. Ao conhecer o método de tratar os dados, isso acarretará o melhor aproveitamento do tempo para revisão de literatura, impactando positivamente na qualidade, sendo assim, munindo o pesquisador de mecanismos que favorecem a natureza empírica da pesquisa.

A pesquisa empregará a análise de conteúdo, Sampaio e Lycarião (2021, p. 6) acentua:

[...] é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos [...].

A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa qualitativa que visa identificar padrões dentro de um fenômeno a ser investigado. Caracterizada por sua flexibilidade, permite realizar inferências relevantes de acordo com os objetivos, contribuindo para a produção de conhecimento sistematizado. Minayo, Deslandes e Gomes (2007, p. 91) detalha as fases da análise de conteúdo "As obras que tratam da análise de conteúdo costumam apresentar as seguintes etapas: Pré-análise; Exploração do material e Tratamento dos resultados/Inferência/Interpretação". Deste modo, incluem as etapas anteriores à análise até à interpretação.

4. ANÁLISE DOS ASPECTOS DETERMINANTES NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA: CONTRIBUIÇÕES E REALIDADES

Nesta seção, iremos aprofundar a análise sobre o que contribui para a construção da autonomia infantil, utilizando o método de pesquisa baseado na análise de conteúdo. Descrita por Campos (2004), a análise de conteúdo é um método versátil que lida com diferentes tipos de dados qualitativos. Ou seja, é uma maneira de alcançar os dados de um trabalho e não deve ser confundida com a atividade final de um trabalho científico. Esse método é utilizado para entender contextos complexos, além de ser produzido a partir dos impactos das mensagens para então realizar as inferências.

No decorrer do desenvolvimento da revisão da literatura, foi possível perceber avanços na historicidade da criança, com a concepção de um ser que precisa de cuidados. Não só, ao longo do percurso trilhado socialmente em relação à concepção de criança e ao “Sentimento de Infância”, foram sendo desenvolvidos documentos legais e normativos que garantem o direito das crianças ao pleno desenvolvimento. Com ou sem enfoque direto nelas, alguns desses documentos são: Constituição Federal (CF), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Durante esta seção, há como centralidade a discussão sobre a construção da autonomia infantil, abordando suas características principais e os argumentos que a fundamentam. Bem como, são apresentados conceitos teóricos que embasam essa temática, de estrutura a conectar os achados da pesquisa com os objetivos propostos. Por fim, os dados estão estruturados para refletir uma visão autêntica da realidade estudada, respeitando todos os aspectos éticos, com garantia de fidelidade às fontes utilizadas.

Desse modo, seguindo uma ordem lógica de aprofundamento e considerando os objetivos geral e específicos propostos pela pesquisa, bem como as temáticas abordadas durante a revisão de literatura, a análise resultou nas seguintes categorias: 4.1) Autonomia e Desenvolvimento Infantil: Importância Desses Elementos na Educação Infantil, 4.2) Práticas Pedagógicas e a Relação entre Autonomia e Desenvolvimento na Educação Infantil 4.3) Influência da Organização Física da Sala de Aula no que Tange o Desenvolvimento da Autonomia dos Alunos.

A seguir, nas categorias, será apresentada a revisão de literatura por meio de quadros elaborados para melhor situar e dinamizar a análise da pesquisa "Desenvolvimento Infantil em Pauta: A Construção da Autonomia na Prática Pedagógica na Educação Infantil". Esses quadros serão organizados em colunas com as seguintes nomeações: autor, ano, título e descrição.

A construção desses quadros tem como objetivo proporcionar uma visão mais ampla das publicações relacionadas às temáticas estabelecidas, alinhadas aos objetivos geral e específicos desta pesquisa. A ordem seguirá o critério cronológico crescente, considerando o ano de publicação como ponto de partida. No caso de obras publicadas no mesmo ano, será utilizado o critério de ordem alfabética do nome do primeiro autor para a classificação.

Categoria 4.1: Autonomia e Desenvolvimento Infantil: Importância Desses Elementos na Educação Infantil

Autonomia e desenvolvimento infantil são conceitos que estão atrelados, visto que a autonomia pode contribuir para o avanço no desenvolvimento da criança. Quando estimulada, a autonomia pode desencadear a capacidade de tomar suas próprias decisões e gerir suas vontades, respeitando a individualidade e particularidade de cada um. Inclusive, foram listadas essas obras na revisão de literatura que contempla as temáticas de autonomia e desenvolvimento na educação infantil, por meio do Quadro 1 será possível visualizar.

QUADRO 1: Publicações relacionadas a Autonomia e Desenvolvimento Infantil

Autor	Ano	Título	Descrição
COELHO; PISONI	2012	Vygotsky: sua teoria e a influência na educação	Trata-se de um artigo que trará como centralidade a vida e a obra de Vygotsky.
TASSONI; LEITE	2013	Afetividade nas práticas pedagógicas	O artigo apresenta o papel da afetividade como impulsionadora da aprendizagem.
SANTOS; JUNQUEIRA; SILVA	2016	A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky	No decorrer do artigo elenca obras que trarão a contribuição da afetividade na relação professor - aluno.

KISHIMOTO	2017	Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação	É um livro que trará jogos, brinquedos e brincadeiras dentro do contexto educacional.
FERREIRA	2020	O desenvolvimento integral da criança na perspectiva de Henri Wallon: da história social da infância à educação infantil.	Busca compreender o papel da afetividade sob a perspectiva da teoria de Wallon no contexto escolar.
ALMEIDA; ALVES	2021	A contribuição dos jogos para o desenvolvimento infantil sob o prisma teórico de Piaget e Kishimoto	O artigo tratará sobre o uso de jogos para promover a aprendizagem com base em teóricos do desenvolvimento, sendo eles Piaget e Kishimoto.
ASSIS; OLIVEIRA; SANTOS	2022	As contribuições da teoria de Henri Wallon para a educação	Um artigo que detalha algumas obras de Wallon e relacionam com o desenvolvimento infantil
COSTA	2022	A metodologia Montessori e o desenvolvimento integral do sujeito: reflexões para a educação do século XXI	É uma monografia que buscou compreender a contribuição da teoria montessoriana no contexto atual

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Coelho e Pisoni (2012) atestam sobre a teoria de Vygotsky que as pessoas não nascem com características pré-estabelecidas; elas se desenvolvem de acordo com as interações que vivenciam. Por exemplo, uma criança, antes de ingressar na escola, já possui conhecimentos que complementam o seu desenvolvimento. No entanto, a escola pode atuar como um impulsionador, contribuindo com atividades que auxiliam no aprimoramento de suas habilidades e capacidades.

As interações podem ser acompanhadas de acolhimento aos conhecimentos prévios que os estudantes trazem de casa, da comunidade e de outros ambientes que frequentam. É importante adotar práticas que conectem com a bagagem cultural dos alunos, valorizando suas experiências e incentivando-os a compartilhar saberes espontâneos.

A teoria Walloniana, na perspectiva de Santos, Junqueira e Silva (2016), destaca a importância de um ambiente escolar agradável, onde a afetividade nas relações é irrefutável para tornar o aprendizado mais produtivo. Eles argumentam que esse clima afetivo contribui para a criação de um espaço mais acolhedor e cooperativo, facilitando o trabalho pedagógico e promovendo uma interação mais positiva entre todos os envolvidos no processo educacional. Esse enfoque sugere que, ao cultivar o afeto nas relações, o desenvolvimento infantil é privilegiado diretamente.

Na relação professor-aluno, o professor pode utilizar como prática o acolhimento das emoções, o diálogo e a acessibilidade, demonstrando empatia pelas experiências vividas tanto no contexto escolar quanto fora dele. Essa abordagem ajuda a criar um clima favorável à liberdade de expressão.

Ferreira (2020) narra que, quando o professor adota uma pedagogia que incentiva a autonomia dentro do contexto educacional, ele se torna um suporte no processo de desenvolvimento integral do aluno, deixando de ser apenas um transmissor de conteúdos. Assim, facilita o desenvolvimento de habilidades precedentes para o crescimento do potencial do estudante.

Para trabalhar com base em uma pedagogia que incentive a autonomia, o professor pode criar uma atmosfera na sala de aula baseada na colaboração, resolução de problemas reais, projetos interdisciplinares, entre outras práticas. Essas propostas abertas oferecem aos alunos a oportunidade de protagonismo

A qualidade da aprendizagem, segundo a teoria Walloniana, é influenciada pelo vínculo entre o professor e o sujeito aprendente, impactando diretamente o processo de aprendizagem, podendo gerar efeitos tanto positivos quanto negativos. Paralelamente, esse vínculo também influencia as decisões do professor (Tassoni; Leite, 2013).

O interesse em superar as dificuldades de aprendizagem pode surgir após o estreitamento dos laços entre professor e aluno. Para alcançar esse objetivo, é importante selecionar atividades que não gerem insegurança ou constrangimento aos alunos. Além disso, o professor deve demonstrar, com palavras encorajadoras, que reconhece e valoriza o esforço do estudante para concluir as tarefas propostas.

Como resultado das contribuições da teoria de Wallon, as práticas pedagógicas passaram a respeitar a singularidade dos alunos, tornando-se mais humanizadas. Tanto a escola quanto os professores estabelecem ações que consideram o afeto como uma prática pedagógica. Consequentemente, promovem o desenvolvimento de sujeitos integrais, capazes

de conviver nas relações sociais e interagir de forma equilibrada com o meio (Assis; Oliveira; Santos, 2016).

Conforme a afirmação anterior, o Wallon permitiu compreender o potencial das relações afetivas, as quais devem ser mais humanizadas, acolhedoras e lúdicas, refletindo diretamente no desenvolvimento do aluno.

Almeida e Alves (2021), em suas pesquisas, apontam que a criança aprende enquanto se diverte com o uso dos jogos, promovendo o desenvolvimento e a aprendizagem. Com enfoque no desenvolvimento infantil, os autores destacam que essa prática é eficaz, pois combina prazer e diversão. Por sua vez, afirmam que cada cultura define o que é considerado jogo, e que o professor pode utilizar os jogos como uma ferramenta para inovar seu método de ensino.

Os autores argumentam que o repertório cultural atrelado aos jogos é definido pela cultura, que determina o que é considerado um jogo, destacando suas múltiplas finalidades quando inseridas nos contextos. Não só isso, na atualidade, eles também servem como instrumentos de ensino que equilibram diversão e aprendizagem, contribuindo, consequentemente, para o desenvolvimento.

Os jogos e brincadeiras são importantes meios de interação entre as crianças. Por meio deles, as crianças criam situações imaginárias, dando vida às suas brincadeiras com base no cotidiano ao seu redor. Nos jogos, elas também desenvolvem e seguem suas próprias regras, aprendendo a cooperar e a respeitar limites, o que contribui para seu desenvolvimento (Kishimoto, 2017).

As atividades de imitação do mundo real não se limitam apenas a jogos e brincadeiras; elas permitem a expansão do imaginário, a ampliação da criatividade e a interação entre os pares e com outras pessoas. Por igual, contribuem para o desenvolvimento integral e reforçam a importância de espaços que promovam o aprendizado por meio da brincadeira. Outra importante teoria que elucida sobre o papel de adicionar à vida real ao ensino é a montessoriana.

Então Costa (2022) enuncia que o ensino baseado nos princípios da teoria montessoriana utiliza atividades práticas da vida cotidiana, ou seja, experiências reais. Dessa maneira, valoriza e incentiva os alunos a assumirem, com responsabilidade e confiança, a tomada de suas próprias decisões.

Incentivando a exploração e construção do conhecimento com base em suas próprias experiências, oportunizando e encorajando os alunos a serem livres, para que tomem a iniciativa e se envolvam em experiências da vida prática.

Ao final desta análise, discerniu-se a importância da relação entre autonomia e desenvolvimento infantil, destacando o valor de interações, o respeito aos conhecimentos prévios, o acolhimento de saberes espontâneos, a afetividade, a centralidade do aluno como protagonista, além dos benefícios dos jogos e brincadeiras.

Categoria 4.2: Práticas Pedagógicas e a Relação entre Autonomia e Desenvolvimento na Educação Infantil

A prática pedagógica contribui significativamente para o processo de desenvolvimento e tem efeitos diretamente na promoção da autonomia. Por meio dela, é possível elaborar estratégias que vão desde as mais simples até as mais complexas, buscando alcançar uma verdadeira prática transformadora. No Quadro 2, são apresentadas publicações que abordam a relação entre autonomia e prática pedagógica.

QUADRO 2: Publicações relacionadas a Autonomia e Prática Pedagógica

Autor	Ano	Título	Descrição
FREIRE	1987	Pedagogia do Oprimido	Conceitua a Educação Bancária e contrapõe-a a ela.
SANTANA	2000	Práticas pedagógicas diferenciada	Enfatiza que os alunos não são homogêneos, sendo assim, a prática pedagógica também não deve ser.
BILÓRIA; METZNER	2013	A importância da rotina na Educação Infantil	Destaca a atuação do professor com o uso de rotinas implementadas na sala de aula.
VERDUM	2013	Prática Pedagógica: o que é? O que envolve?	É uma pesquisa de campo a fim de visualizar ações pedagógicas reais.
FRANCO	2016	Prática pedagógica e docência: um olhar a	A autora conclui que a prática docente

		partir da epistemologia do conceito	sem linearidade e significado não são eficientes.
XAVIER	2023	Os contextos educativos da educação infantil	Aborda dificuldade dos cuidados integrais na educação infantil e a necessidade de formação docente.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Freire (1987) critica o uso da educação bancária, que segue o modelo expositivo no qual o aluno permanece inerte em relação ao saber, enquanto o professor ocupa o centro do processo. Ele aponta que essa abordagem pode trazer prejuízos ao educando, pois, para que a aprendizagem seja significativa, é necessário que o aluno esteja no centro do processo educativo.

O modelo de ensino da educação bancária coloca o professor como o único detentor do saber, enquanto o aluno é desestimulado ao pensamento reflexivo, e a nem participar do processo de construção do conhecimento. Ele é colocado em segundo plano, sem relacionar o aprendizado ao contexto real.

Verdum (2013) reforça essa crítica ao tratamento dado aos alunos como se fossem um depósito de conhecimento, colocados em posição de passividade por professores em um modelo tradicional e ultrapassado de ensino. Ele argumenta que esse modelo não efetiva a transmissão do conhecimento apenas com a competência instrumental, ou seja, a transmissão da mensagem do conhecimento sem ruído. É necessário, portanto, adotar práticas inovadoras adequadas ao aluno, como principal sujeito do processo.

No mesmo sentido de Freire (1987), Verdum (2013) enfatiza o contraponto ao ensino tradicional, colocando o aluno como passivo diante do conhecimento. Em acréscimo, argumenta que somente a competência instrumental de articular os conteúdos com clareza não garantirá a aprendizagem, sendo necessárias a introdução de práticas inovadoras.

Nos processos formativos, Franco (2016) acentua a importância de prever quais atividades e metodologias serão utilizadas, além de ter o cuidado de implementar e manter uma ordem lógica que cultive o desenvolvimento progressivo. Ele destaca a relevância de utilizar instrumentos indispensáveis para a organização do planejamento, os quais trarão um retorno educativo quando elaborados e aplicados de maneira eficaz.

O professor pode utilizar instrumentos de organização comuns e indispensáveis na área da docência, sendo um deles o plano de aula, que garantirá o levantamento dos conteúdos, objetivos, recursos, entre outros, apreciadas para uma aula bem estruturada. Em complemento, ajuda a monitorar a continuidade da aula, consequentemente, corrobora para um desenvolvimento progressivo dos alunos.

A rotina pode ser um elemento chave para desenvolver a autonomia, desde que seja dinâmica, flexível e adaptável. Quando usada com repetição excessiva, pode tornar o ambiente desestimulante, mas, ao ser planejada de forma a surpreender os alunos com frequência, por meio de atividades fora do habitual, contribui para o desenvolvimento de habilidades como organização, independência e responsabilidade (Bilória; Metzner, 2013).

A presença do uso de rotina requer encontrar um equilíbrio entre previsibilidade e novidade. A previsibilidade garante o conforto, pois permite saber os rumos que a aula irá tomar e as atividades que serão realizadas no dia. Já a novidade contribui para tornar o ambiente estimulante.

Santana (2000) atesta que, dentro da sala de aula, é necessário compreender que os alunos possuem ritmos de aprendizagem diferentes. Assim, a prática pedagógica, quando elaborada de forma flexível e adaptável, beneficia a individualidade e atende às necessidades específicas de cada aluno, promovendo o respeito à diversidade e à inclusão.

Alternativas para fazer a diferença no processo de aquisição do conhecimento incluem compreender os níveis de habilidades e ritmos de aprendizagem. Portanto, é necessário adotar práticas que incluam etapas iniciais que permitam identificar as necessidades formativas dos alunos.

A respeito do tempo e ritmo de aprendizagem de cada criança, Xavier (2016) sublinha a importância de atividades diárias que atendam às necessidades biológicas e fisiológicas delas. Ele propõe diferentes temas para tornar o ambiente saudável, enfatizando a necessidade de atender aos elementos que promovam o bem-estar físico e emocional.

O autor supracitado explicita que não basta apenas ministrar conteúdos, pois, para atender às necessidades dos alunos, é preciso considerar aspectos relacionados ao bem-estar, de modo que as práticas favoreçam um desenvolvimento mais holístico.

Conclui-se, então, que os prejuízos decorrentes do modelo de ensino tradicional e da educação bancária, onde o professor é visto como o detentor exclusivo do saber e os alunos são tratados como depósitos, incluem a desmotivação, a falta de engajamento e a ausência de protagonismo dos estudantes. Esse modelo frequentemente emprega rotinas monótonas, que não estimulam o desenvolvimento dos alunos.

Em contrapartida, foram achadas práticas pedagógicas que valorizam o desenvolvimento infantil e destacam a importância de posicionar o aluno como protagonista do processo de aprendizagem. Isso envolve a inserção de inovações no planejamento e nos planos de aula, a criação de rotinas dinâmicas e estimulantes, e a adaptação às diferenças individuais. Por conseguinte, a realização de diagnósticos iniciais para identificar as necessidades formativas dos estudantes. Por fim, é indispensável considerar o bem-estar dos alunos.

Categoria 4.3: Influência da Organização Física da Sala de Aula no que Tange o Desenvolvimento da Autonomia dos Alunos

Uma sala de aula equipada com recursos que permitam a escolha e a tomada de decisão pelos alunos favorece momentos de independência, interação e motivação. Ou seja, ela deve ser organizada para promover o desenvolvimento da autonomia. Conforme o Quadro 3, são expostas publicações que abordam a temática da autonomia e a influência da organização física da sala de aula.

QUADRO 3: Publicações relacionadas a Autonomia e Organização Física da Sala de Aula

Autor	Ano	Título	Descrição
NASCIMENTO; ORTH	2008	A influência dos fatores ambientais no desenvolvimento infantil	Revela a influência de alguns eixos sociais incluindo a escola como influenciadora no desenvolvimento.
RÖHRS	2010	Maria Montessori	Trata-se de uma obra de domínio público que irá abordar Maria Montessori e seus conceitos.
VILELA	2014	Maria Montessori: O caminho dos sentidos	Realça a trajetória de vida de Montessori até a chegada de ser renomado nome no campo do Desenvolvimento Infantil.

ROSSI	2015	Diálogos de uma educação libertadora: de Montessori a Paulo Freire	Emprega as pedagogias de dois importantes teóricos como centralidades do artigo: Montessori Freire.
CRUZ; CRUZ	2017	O ambiente na educação infantil e a construção da identidade da criança	Comenta sobre interação adulto e criança além de trazer visões Walloniana.
GUERRA; SILVA	2024	Espaço e educação: A manipulação do ambiente escolar em Pestalozzi, Montessori e Freinet	O artigo ressalta importantes teóricos que abordam a influência do ambiente.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Conforme relatado por Nascimento e Orth (2008), o ambiente da sala de aula influencia os modos e as dinâmicas das interações dos alunos, uma vez que está presente no cotidiano deles. Esse ambiente pode promover ou não a autonomia dos alunos, dependendo de como as crianças interagem com o espaço. No ambiente, ocorrem interações tanto entre crianças quanto entre adultos, tornando-se um meio que promove essas interações, mesmo na ausência de um contexto.

A sala de aula é um espaço onde os recursos podem ser responsáveis por estimular ou dificultar essas interações. Uma das sugestões que podem ser adotadas para estimular é o uso de recursos visuais suspensos (Cruz; Cruz, 2017). Salas de aula com acesso aos materiais, como mobiliário adequado à altura das crianças, facilitam o uso autônomo destes, promovendo a independência e o aprendizado ativo. Essa característica propicia ambientes educativos que priorizam a participação ativa das crianças, permitindo que elas se sintam responsáveis por seus próprios processos de desenvolvimento.

Vilela (2014) menciona a importância de propiciar oportunidades para que o aluno tenha um aprendizado de maneira espontânea, oferecendo estímulos. Nesse contexto, o professor pode se tornar um facilitador desse processo, permitindo que o aluno seja o agente de sua própria educação e descobertas.

Esse aprendizado pode ser incentivado por meio de uma prática simples, como a decoração da sala de aula e a exposição de trabalhos artísticos das crianças, valorizando suas produções e contribuindo para um ambiente acolhedor e motivador.

Entretanto, uma problemática comum é a limitação de espaço para expor todos os trabalhos, o que pode gerar frustração em algumas crianças. Mesmo que, na Educação Infantil, algumas crianças ainda não saibam ler para identificar seus nomes, elas utilizam a memória e outras características para reconhecer suas produções. Para otimizar o espaço, as mochilas podem ser armazenadas no fundo da sala, enquanto as garrafas ficam próximas à mesa do professor, em uma prateleira. Isso mantém o ambiente mais livre e acessível, permitindo que as crianças se autoregulem conforme suas necessidades individuais.

Rossi (2015) explana sobre um dos pilares da teoria montessoriana, a autoeducação. Esse princípio contempla o aspecto de a criança escolher livremente suas atividades, de acordo com a fase e as necessidades em que se encontra. Para a teórica, a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando a criança pode explorar livremente e desenvolver sua autonomia no processo educacional.

A influência da organização e da disponibilidade de materiais no comportamento das crianças é significativa, pois evita esquecimentos e distrações, otimizando o tempo destinado às práticas pedagógicas. Um ambiente organizado proporciona segurança e autonomia, incentivando as crianças a se envolverem ativamente em seu processo de desenvolvimento.

Maria Montessori, uma importante teórica no campo do desenvolvimento infantil, enfrentou diversos desafios devido ao preconceito existente em meados de 1870. Apesar disso, seus estudos conectaram-se a outros e, com o tempo, ganharam o destaque merecido (Guerra; Silva, 2024). Vilela (2014) ainda destaca a importância da teoria de Montessori, que coloca o aluno no centro do processo educativo, rompendo com a crença de que o professor deveria ser o protagonista.

Em situações de salas com limitação de espaço, é possível implementar estratégias para viabilizar o conforto e a interação. Por exemplo, as mesas e cadeiras podem ser organizadas em filas com alunos sentados em duplas. Além disso, pode-se optar por não demarcar lugares fixos, permitindo que os alunos escolham onde sentar e com quem interagir. Essas práticas refletem uma tentativa de otimizar o espaço disponível e, ao mesmo tempo, incentivar a autonomia e as interações.

Röhrs (2010) evidencia que são raras as iniciativas que buscam preceitos educativos aplicáveis de configuração universal. O autor menciona que não é uma tarefa fácil transcender os conceitos já estabelecidos, menos ainda alcançar um impacto global. Isso ressalta a relevância de práticas inovadoras que se ajustem às necessidades específicas de cada ambiente escolar.

Nessa perspectiva, as salas de aula, apesar de serem espaços limitados, podem se tornar ambientes enriquecedores por meio do uso de estratégias adequadas como a de colocarem os alunos sentados em duplas. A decoração das paredes com desenhos de autorias dos alunos, por exemplo, valoriza a expressão das crianças, mesmo que nem todos os trabalhos sejam expostos. Acrescido da escolha de mobiliário adequado à altura dos alunos promove sua autonomia, enquanto a disponibilização de materiais na própria sala facilita o acesso, evitando que os alunos os esqueçam em casa. Essas práticas colaboraram diretamente para o desenvolvimento de atividades pedagógicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível, ao longo desta pesquisa, observar a aproximação com o objetivo geral e os objetivos específicos propostos, destacando a importância da autonomia. Isso incluiu analisar as práticas pedagógicas em relação a autonomia na Educação Infantil e relatar como o contexto físico da sala de aula pode influenciar positivamente ou negativamente o processo. Ademais, explora-se a trajetória do “Sentimento de Infância”, ressaltada no início da revisão de literatura, com autores que explicam os aspectos históricos da perda da concepção da visão de crianças como “Adultos em Miniaturas” para seres que demandam cuidados. Por fim, destaca-se a importância de entender os documentos legais que asseguram os direitos das crianças a um ambiente adequado para uma prática pedagógica que promova a autonomia e o desenvolvimento integral.

Adicionalmente, menciona-se várias teorias sobre o desenvolvimento infantil, como a de Vygotsky, que argumenta que as características humanas são adquiridas por meio de contextos sociais; a de Montessori, que destaca a importância de um ambiente preparado; e a de Wallon, que enfatiza as relações afetivas. Também é mencionada a teoria de Kishimoto, que destaca a importância do brincar, e a de Montessori, que busca entender as maneiras pelas quais as pessoas aprendem, além de ressaltar a importância do ambiente preparado para conquistar habilidades funcionais, autônomas e independentes.

Conforme também se conclui, durante a prática pedagógica que estimula a autonomia, é importante que o professor elabore, com antecedência, um planejamento para que prepare, da melhor maneira, a utilização dos recursos disponíveis, fugindo da “Educação Bancária”, em que o aluno fica inerte ao saber. É necessário que o professor repense suas práticas e utilize a criatividade para tornar o ambiente rico em estímulos, que possibilite o pensamento reflexivo, usufrua da ludicidade como ferramenta potencializadora, uso de rotinas dinâmicas e atenção às necessidades físicas e biológicas da criança, e não torne os alunos passivos ao conhecimento, pois somente a competência instrumental não será capaz de transmitir efetivamente o conhecimento. Portanto, comprehende-se que, durante as práticas pedagógicas, o aluno deve ser o centro.

Sobre a influência da organização física da sala de aula no que tange ao desenvolvimento do aluno, verificou-se a relevância de espaços que promovam as interações, mesmo que não haja contextos, como também com recursos disponíveis, mobiliário adequado, oportunidades de compartilhar saberes espontâneos, exposição de trabalhos para valorizar o real e o significativo, o tamanho da sala confortável para ir e vir, podendo utilizar

estratégias para otimizar o espaço quando pequenas, ambiente acolhedor e práticas inovadoras para chegar ao desenvolvimento integral.

De modo geral, compreendeu-se a importância da autonomia nas práticas pedagógicas, bem como a influência da organização física da sala de aula. Contudo, essa temática poderia receber maior destaque nos documentos legais e normativos, de forma que fosse efetivamente aplicada na prática. Para tanto, seria necessário oferecer formação continuada aos professores, visando superar possíveis resistências por parte dos profissionais quanto ao uso de práticas voltadas ao desenvolvimento da autonomia dos alunos. Assim, seria possível promover uma melhor compreensão sobre a relevância de estimular esse aspecto nas práticas pedagógicas.

Destacamos, ainda, que as publicações voltadas para a Educação Infantil frequentemente abordam a autonomia de forma fragmentada. Muitos autores tratam do tema, mas há uma carência de estudos que integrem todas as categorias desta pesquisa, destacando sua importância para o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil. Assim, espera-se que os aportes teóricos encontrados ao longo desta pesquisa possam contribuir para embasar documentos e publicações, a fim de ampliar e ratificar a discussão da importância da autonomia para o desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vitor Sergio de; ALVES, Paloma Silva. A contribuição dos jogos para o desenvolvimento infantil sob o prisma teórico de Piaget e Kishimoto. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 46, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2451> Acesso em: 9 maio 2024.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Libros tecnicos e científicos editora, 1981.
- ASSIS, Letícia Alexandra de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Anderson Oramisio. As Contribuições da Teoria de Henri Wallon Para a Educação. **Cadernos da FUCAMP**, v. 21, n. 52, 2022. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2817> Acesso em: 4 maio 2024.
- BARRETO, Ângela MR. Situação atual da educação infantil no Brasil. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**, v. 2, p. 53-65, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume_II.pdf#page=25 Acesso em: 30 abr. 2024.
- BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, Andréia Cristina. A importância da rotina na Educação Infantil. **Fafibe On-Line**, Bebedouro, v. 6, n. 6, p. 1-7, 2013. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/28/11122013185355.pdf> Acesso em: 28 abr. 2024.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 5 maio 2024.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/645769/CF88_EC132_livro.pdf Acesso em: 13 maio. de 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_voll.pdf Acesso em: 27 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=9769&Itemid Acesso em: 5 maio 2024.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/593336/LDB_5ed.pdf Acesso em: 28 abr. 2024.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, p. 611-614, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbj9fZBDrM3c3x4bDd3rc/> Acesso em: 25 dez. 2024.
- CANHA, Jeni. **Criança maltratada**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: https://ap1.sib.uc.pt/bitstream/10316.2/90269/1/crianca_maltratada.pdf Acesso em: 17 maio 2024.

CHIPIL, Selma Aparecida de Oliveira; BLASZKO, Caroline Elizabeth. Os avanços na LDB e suas contribuições para a educação infantil. 2020. Disponível em: https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/OS_AVAN_OS_NA_LDB_E_SUAS CONTRIBU_I_ES PARA A EDUCA_O INFANTIL.pdf. Acesso em: 2 maio 2024.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-PED**, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky - sua teoria e a influencia na educacao.pdf Acesso em: 17 maio 2024.

COSTA, Milena Stéfane Nunes da. **A metodologia Montessori e o desenvolvimento integral do sujeito: reflexões para a educação do século XXI**. 2022. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios, Palmeira dos Índios, 2022. Orientadora: Profª Drª Danielle Oliveira da Nóbrega. Disponível em: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/4239> Acesso em: 9 maio 2024.

CRUZ, Silvia Helena; CRUZ, Rosimeire. O ambiente na educação infantil e a construção da identidade da criança. **Em Aberto**, v. 30, n. 100, 2017. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3214> Acesso em: 18 maio 2024.

DIAS, Adelaide Alves; MEDEIROS, Maria Fabrícia de. Análise da construção da autonomia infantil: interações entre crianças e professoras na educação infantil. **Psicologia da Educação**, n. 51, p. 116-126, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2175-35202020000200116&script=sci_arttext Acesso em: 5 maio 2024.

DIAS, João Valdir. BNCC: Educação Infantil. **Redin-Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1474> Acesso em: 29 abr. 2024.

FERREIRA, Igor. **O desenvolvimento integral da criança na perspectiva de Henri Wallon: da história social da infância à educação infantil**. 2020. 22 p. Monografia (Especialização em Educação e Trabalho Docente) – Instituto Federal Goiano, Campus Trindade, Trindade, 2020. Orientadora: Valéria Alves de Lima. Coorientadora: Ruth Aparecida Viana da Silva.. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1414> Acesso em: 22 dez. 2024.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, p. 534-551, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVsPzTq/?lang=pt> Acesso em: 5 maio 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1987.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844613015.pdf> Acesso em: 21 maio 2024.

GUERRA, Guilherme; SILVA, Juliana de Souza. Espaço e educação: A manipulação do ambiente escolar em Pestalozzi, Montessori e Freinet. **Revista Sem Aspas**, p. e024002-e024002, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/17650/18005> Acesso em: 12 ago. 2024.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez editora: São Paulo, 2017. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=On02DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=kish_imoto+&ots=u9jND9Ss3t&sig=QxnIXAzTrHrMa6ul6K0xJfeF87g Acesso em: 22 out. 2024.

KLIMASZEWSKI, Fernanda. **Autonomia na educação infantil: conceitos e reflexões pedagógicas.** 2018. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia – Licenciatura) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, RS, 2018. Orientadora: Me. Magali Maria Johann. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2398/1/KLIMASZEWSKI.pdf> Acesso em: 13 maio 2024.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. e023141-e023141, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958> Acesso em: 2 maio 2024.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil: 1726-1950. **História social da infância no Brasil**. Tradução . São Paulo: Cortez, 2016. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Marcilio_ML_56_2785923_ARodaDosExpostosEAACriancaAbandonadaNaHistoriaDoBrasil1726-1950.pdf Acesso em: 15 maio 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2011. Disponível em: https://cursoextensao.usp.br/pluginfile.php/300166/mod_resource/content/1/MC2019%20Minayo%20Pesquisa%20Social%20.pdf Acesso em: 5 maio 2024.

MOGILKA, Maurício. Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: um difícil percurso. **Educação e Pesquisa**, v. 25, p. 57-68, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/5kNwHLjgKRJsb9vbkkLvr7t/> Acesso em: 5 maio 2024.

OLIVEIRA NETO, Fábio Marques da; CALDAS, Vaneska Oliveira; MARQUES, Waleska Barroso dos Santos Kramer. **Marcos Legais da Educação Infantil no Brasil**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA109_ID2663_21072021153600.pdf Acesso em: 17 abr. 2024.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, v. 2, n. 3, p. e3122-e3122, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3122/2459> Acesso em: 30 abr. 2024.

OLIVEIRA, Eduardo Paiva. Breve histórico da gestão escolar na educação infantil a partir da constituição de 1988. **Educationis**, v. 9, n. 1, p. 30-38, 2021. Disponível em: <https://www.sustenere.inf.br/index.php/educationis/article/view/CBPC2318-3047.2021.001.0004> Acesso em: 12 maio 2024.

OLIVEIRA, Maria Izete de. Educação infantil: legislação e prática pedagógica. **Psicologia da educação**, n. 27, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43126> Acesso em: 24 dez. 2024.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de; et al (Orgs); **O trabalho do professor na Educação Infantil**. 2020. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/O_trabalho_do_professor_na_Educa%C3%A7%C3%A3o_I/n/EFb9DwAAQBAJ?h Acesso em: 30 abr. 2024.

NASCIMENTO, Greicimára S. do; ORTH, Mara Rúbia Bispo. **A INFLUÊNCIA DOS FATORES AMBIENTAIS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/498.pdf Acesso em: 27 dez. 2024.

PASSAMAI, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. A história da educação infantil. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. a. VII, n. 13, 2009. Disponível em: http://www.faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/wLWD9GTfD1VmODz_2013-6-28-15-56-4.pdf Acesso em: 03 maio 2024.

PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. A constituição do conceito de infância e algumas questões relativas ao corpo: da idade média à modernidade. **Revista Poiesis Pedagógica**, v. 1, n. 1, p. 48-62, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10508> Acesso em: 16 maio 2024.

PIRES, Sérgio Fernandes Senna; BRANCO, Ângela Uchoa. Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 24, pág. 415-421, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/jkJ8ZFvmdcgS6wWxNk6xB7v/#> Acesso em: 5 maio 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIÚMA. Coletânea de atividades pedagógicas planejadas pelos docentes da rede municipal de Piúma: EMEF “Lacerda de Aguiar”. Revolução Industrial. 2011. Disponível em: <https://www.piuma.es.gov.br/portal/uploads/documento/45/20201007171146-6-cap.pdf> Acesso em: 17 maio 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes**. 2002. Disponível em: ROCHA, Rita de Cássia Luiz. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-Rocha/publication/292993991_HISTORIA_DA_INFANCIA_REFLEXOES_ACERCA_DE_ALGUMAS_CONCEPCOES_CORRENTES Acesso em: 17 maio 2024.

RODRIGUES, Miguel. O **tratamento e análise de dados. Metodologia para a investigação social**, p. 179-230, 2011. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6563> Acesso em: 5 maio 2024.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Massangana, 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=205235&co_midia=2 Acesso em: 12 ago. 2024.

ROSSI, Aline dos Santos. **Diálogos de uma educação libertadora: de Montessori a Paulo Freire**. 2015. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/4293> Acesso em: 12 ago. 2024.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/6542> Acesso em: 5 maio 2024.

SANTANA, Inácia. (2000). Práticas pedagógicas diferenciadas. **Escola Moderna**, 8(5), 30-33. Disponível em: https://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/em/rev/serie5/rev_em_08/2000_em08_isantana_praticaspädadiferenciadas_pg30.pdf Acesso em: 7 maio 2024.

SANTOS, Anderson Oramisio; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues; SILVA, Graciela Nunes da. A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. **Perspectivas em Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 86-101, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/44163092/A_AFETIVIDADE_NO_PROCESSO_DE_ENSINO_E_APRENDIZAGEM_DI%C3%81LOGOS_EM_WALLON_E_VYGOTSKY Acesso em: 15 out. 2024.

Santos, Kelly Cristina dos. **Autonomia da criança: transição da educação infantil para o ensino fundamental, conforme as prescrições oficiais.** 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10544> Acesso em: 24 dez. 2024.

SOUZA, Elisabeth; PASIN, Helena Cristina Almeida; SILVA, Marília Caroline da; SALES, Pedro Aché.. Interação social e o processo de mediação entre crianças de uma escola de educação infantil. **Psicologia.** pt, 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0429.pdf> Acesso em: 13 maio 2024.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação**, v. 36, n. 02, p. 262-271, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751440006.pdf> Acesso em: 21 ago. 2024.

VERDUM, Priscila de Lima. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve?. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 91–105, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.puers.br/index.php/porescrito/article/view/14376> Acesso em: 7 maio 2024.

VILELA, Silvio Henrique. Maria Montessori: O caminho dos sentidos. **Revista Teias**, v. 15, n. 38, p. 32-46, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24465> Acesso em: 12 ago. 2024.

XAVIER, Thaís Marques. Os Contextos Educativos da Educação Infantil. **Gestão & Educação**, v. 6, n. 11, p. 34 a 42-34 a 42, 2023. Disponível em: <http://revista.faconnect.com.br/index.php/GeE/article/view/443> Acesso em: 28 abr. 2024.